

Um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da EPC

Un diálogo con los Estudios Culturales, desde la EPC

A dialogue with Cultural Studies, from the EPC

Verlane Aragão Santos

Doutora em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Professora do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil.

Contato: velorca2010@gmail.com

Artigo submetido em 08/04/2019
Aprovado em 08/05/2019



Resumo

Este artigo propõe um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPC). São apresentadas categorias teóricas e de análise que, ao mesmo tempo em que abrem problemáticas comuns entre os dois subcampos críticos da comunicação, apontam tensões inevitáveis. A abordagem de fundo da leitura proposta é o próprio Marx, em consonância ao seu método, presentes em alguns de seus trabalhos aqui em destaque.

Palavras-chave: Economia Política da Comunicação e da Cultura; Estudos Culturais; audiência; convergência; mediação.

Resumen

Este artículo propone un diálogo con los estudios culturales, desde la economía política de la comunicación y la cultura (EPC). Se presentan categorías teóricas y de análisis que, mientras abren problemas comunes entre los dos subcampos críticos de la comunicación, apuntan tensiones inevitables. El enfoque de la lectura propuesta de fondo es el propio Marx, de acuerdo a su método, presente en algunas de sus obras aquí destacadas.

Palabras clave: Economía Política de la Comunicación y la Cultura; Estudios Culturales; Audiencia; Convergencia; Mediación.

Abstract

This article proposes a dialogue with cultural studies, from the political economy of communication and culture (EPC). Are presented theoretical categories and analysis that while open common issues, between the two critics subfields of the communication, point to the inevitable tensions. The approach of reading fund proposal is Marx himself, in accordance to your method, present in some of his works featured here.

Keywords: Political Economy of Communication and Culture; Cultural Studies; Hearing; Convergence; Mediation.

1. Pode-se falar de diferentes perspectivas também dentro da EPC, poder-se-ia então falar em EPCs. As discussões e o conjunto de trabalhos apresentados nos GTs de Economia Política, da Asociación Latinoamericana de Investigadores de Comunicación (ALAI), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), como da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), demonstram a heterogeneidade de objetos e perspectivas teórico-metodológicas. Essas diferenças aparecem no interior da própria entidade que agrega os estudiosos e pesquisadores desse subcampo no país, a União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC-Brasil).

2. “Essa forma de considerar as coisas não é isenta de pressupostos. Ela parte de premissas reais e não as abandona por um instante sequer. Essas premissas são os homens, não os homens isolados e definidos de algum modo imaginário, mas envolvidos em seu processo de desenvolvimento real em determinadas condições, desenvolvimento esse empiricamente visível. Desde que se represente esse processo de atividade vital, a história deixa de ser uma coleção de fatos sem vida, tal como é para

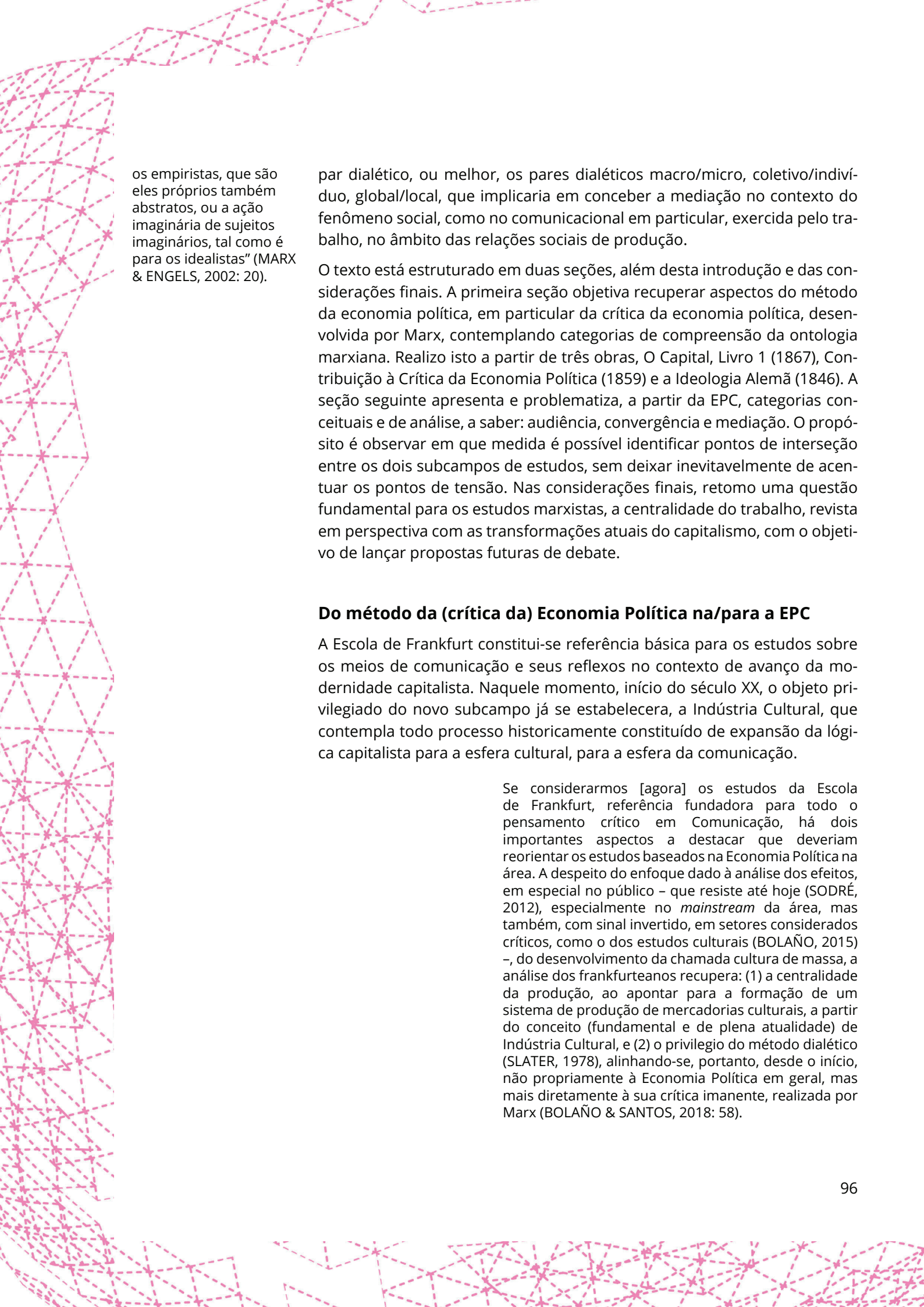
Introdução

Este artigo propõe um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPC). São apresentadas categorias teóricas e de análise que, ao mesmo tempo em que abrem problemáticas comuns entre os dois subcampos críticos da comunicação, apontam tensões inevitáveis. A abordagem de fundo, aqui proposta, é a da economia política – da crítica da economia política –, da qual retiro em diálogo direto, em boa parte com o próprio Marx, em especial da “Contribuição da Crítica da Economia Política”, de 1857, e da “Ideologia Alemã”, de 1845-6, as demarcações ontológicas para uma contribuição na construção do diálogo de caráter epistemológico com os Estudos Culturais, que guardam junto à EPC perspectivas críticas nas suas bases históricas de formação e constituição dentro do campo comunicacional. Sendo assim, estabeleço a não pretensão de abarcar os Estudos Culturais no seu conjunto, mas problematizar categoriais conceituais e de análise presentes neste subcampo da comunicação e que aparecem em perspectiva própria na EPC¹.

Ao mesmo tempo, reconheço a necessidade de pensar um projeto da/para a EPC que incorpore o método da crítica da economia política, de inspiração marxiana, involucrando indução e dedução, apreendendo a aparência e a essência dos processos sociais, para que objetos, recortes e instrumentos metodológicos sejam concebidos e articulados frente às temáticas e aos problemas que demandem leitura, interpretação e intervenção, considerando os fenômenos que são inerentes à realidade histórica em referência. Sigo na esteira das observações de Goldmann (1979: 5-6), ao tratar das tradições filosóficas que nortearam a ciência moderna:

O racionalismo partindo de idéias inatas e evidentes e o empirismo partindo da sensação ou da percepção admitem, tanto um como outro, em cada movimento da pesquisa, um conjunto de conhecimentos adquiridos, a partir do qual o pensamento científico avança em linha reta, com maior ou menor certeza, sem entretanto ter de voltar normal e necessariamente aos problemas já resolvidos. O pensamento dialético afirma, em compensação, que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente. (grifos do autor)².

Assim, o ponto de partida deverá ser a apreensão do método, a dialética marxiana, materialista, pautada necessariamente pelos sentidos de totalidade, historicidade e contradição (LEFEBVRE, 1975). Concebe-se, então, o



os empiristas, que são eles próprios também abstratos, ou a ação imaginária de sujeitos imaginários, tal como é para os idealistas” (MARX & ENGELS, 2002: 20).

par dialético, ou melhor, os pares dialéticos macro/micro, coletivo/indivíduo, global/local, que implicaria em conceber a mediação no contexto do fenômeno social, como no comunicacional em particular, exercida pelo trabalho, no âmbito das relações sociais de produção.

O texto está estruturado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção objetiva recuperar aspectos do método da economia política, em particular da crítica da economia política, desenvolvida por Marx, contemplando categorias de compreensão da ontologia marxiana. Realizo isto a partir de três obras, O Capital, Livro 1 (1867), Contribuição à Crítica da Economia Política (1859) e a Ideologia Alemã (1846). A seção seguinte apresenta e problematiza, a partir da EPC, categorias conceituais e de análise, a saber: audiência, convergência e mediação. O propósito é observar em que medida é possível identificar pontos de interseção entre os dois subcampos de estudos, sem deixar inevitavelmente de acentuar os pontos de tensão. Nas considerações finais, retomo uma questão fundamental para os estudos marxistas, a centralidade do trabalho, revista em perspectiva com as transformações atuais do capitalismo, com o objetivo de lançar propostas futuras de debate.

Do método da (crítica da) Economia Política na/para a EPC

A Escola de Frankfurt constitui-se referência básica para os estudos sobre os meios de comunicação e seus reflexos no contexto de avanço da modernidade capitalista. Naquele momento, início do século XX, o objeto privilegiado do novo subcampo já se estabelecera, a Indústria Cultural, que contempla todo processo historicamente constituído de expansão da lógica capitalista para a esfera cultural, para a esfera da comunicação.

Se considerarmos [agora] os estudos da Escola de Frankfurt, referência fundadora para todo o pensamento crítico em Comunicação, há dois importantes aspectos a destacar que deveriam reorientar os estudos baseados na Economia Política na área. Apesar do enfoque dado à análise dos efeitos, em especial no público – que resiste até hoje (SODRÉ, 2012), especialmente no *mainstream* da área, mas também, com sinal invertido, em setores considerados críticos, como o dos estudos culturais (BOLAÑO, 2015) –, do desenvolvimento da chamada cultura de massa, a análise dos frankfurtianos recupera: (1) a centralidade da produção, ao apontar para a formação de um sistema de produção de mercadorias culturais, a partir do conceito (fundamental e de plena atualidade) de Indústria Cultural, e (2) o privilégio do método dialético (SLATER, 1978), alinhando-se, portanto, desde o início, não propriamente à Economia Política em geral, mas mais diretamente à sua crítica imanente, realizada por Marx (BOLAÑO & SANTOS, 2018: 58).

3. D'A Ideologia Alemã: "Os pensamentos da classe dominante são também em todas as épocas, os pensamentos dominantes (...)" (MARX & ENGELS, 2002: 48). Da Contribuição à Crítica da Economia Política: "Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser que, inversamente, determina a sua consciência" (MARX, 1989: 28-9).

4. O mesmo acontece em texto de apresentação dos Estudos Culturais: "(...) os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura" (ESCOSTEGUY, 1998: 90).

Sabe-se que o marxismo, junto com a obra de Max Weber, é forte influência da Escola de Frankfurt. Os estudos sobre os fenômenos comunicacionais nesse contexto de expansão da lógica do capital exige um esforço de apropriação do pensamento de Marx, passando pelo O Capital, mas também por outras obras, como a Ideologia Alemã, inscrita em coautoria com Engels, onde o trabalho e a linguagem aparecem como elementos inerentes ao processo de formação da condição humana. Na medida em que,

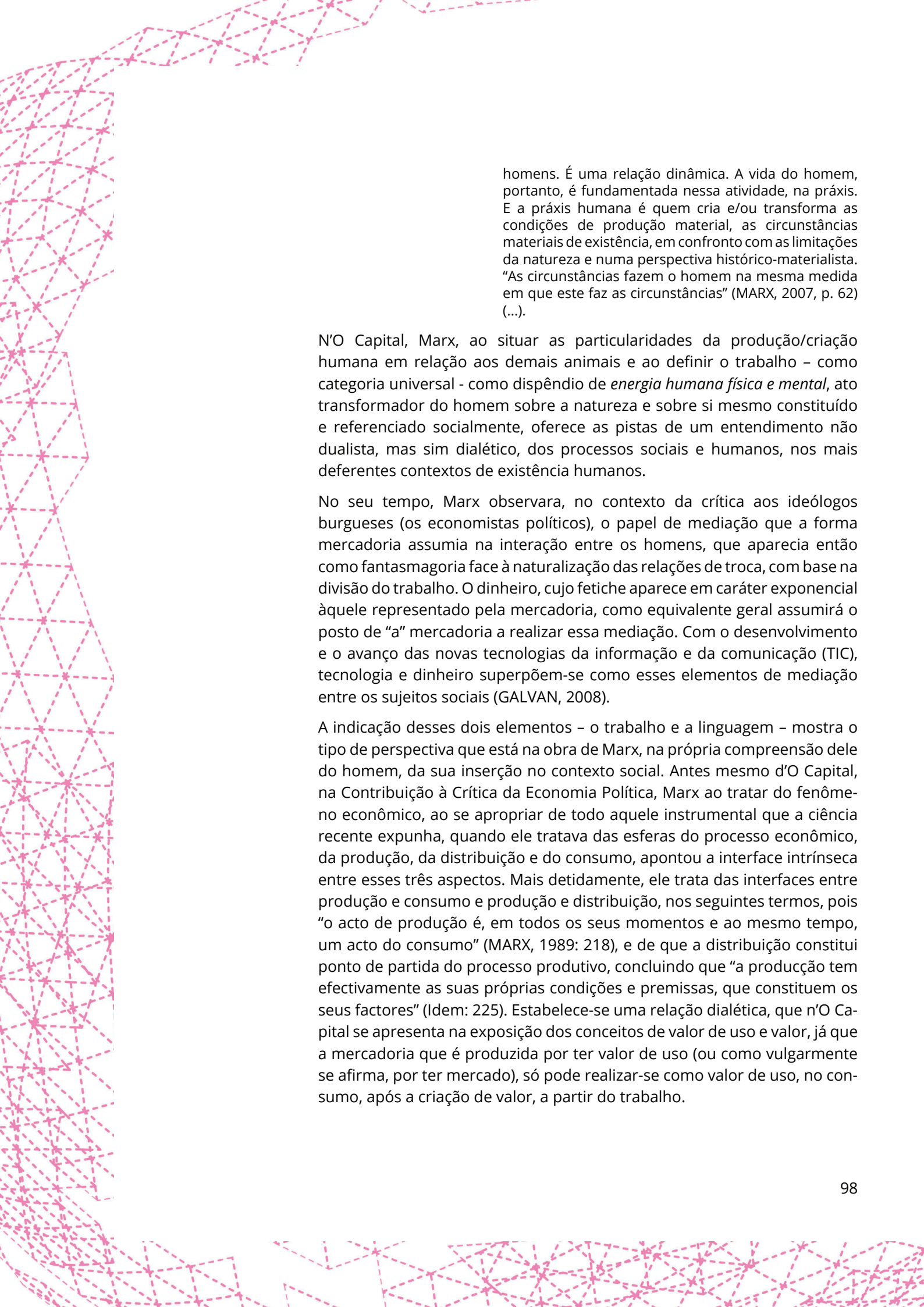
N'A ideologia alemã podemos ver como Marx e Engels compreendiam a produção da consciência, pois tratam desta questão em inúmeras passagens da obra. E, apesar de não ser a preocupação central dos dois alemães, encontramos também formulações sobre linguagem (VIANNA, 2010: 34).

Muitas vezes circunscritas às passagens pontuais d'A Ideologia Alemã e do Prefácio da Contribuição à Crítica da Economia Política³, conclui-se pelo determinismo da chamada estrutura e da economia, muitas vezes tomados em sinônimo como base material, refletindo uma incompreensão do método em Marx. Observa-se essa armadilha em diversas interpretações, repetindo-se, por exemplo, no artigo de Sérgio Capparelli, que defende a necessidade de uma ponte entre as perspectivas da produção da EPC e da audiência dos Estudos Culturais. Além de fazer referência à passagem d'A Ideologia Alemã, retirando de um recorte circunscrito do texto a leitura final do método, propõe, como uma ação estratégica de aproximação, a construção de uma análise que passe do "plano macro da Economia Política para o plano micro dos Estudos Culturais" (CAPPARELLI, 1996: 137)⁴.

Marx compreende a condição humana inserida na tessitura das relações sociais de produção, já que concebe a partir das necessidades vitais de sobrevivência o primeiro elo de interação homem-natureza, no qual o trabalho opera como elemento central. A consciência e a linguagem, esta entendida como necessidade imanente da existência social dos indivíduos, são concebidos no processo de atividade vital, ou seja, no trabalho. Como observa mais uma vez Vianna (2010: 34-5):

Ou seja, as condições concretas e materiais da existência (o homem e sua relação com seu trabalho e a constituição de uma sociedade sobre determinada divisão do trabalho) estruturam a consciência.

Porém, dito dessa maneira, pode-se acreditar em um determinismo insuperável, já que a relação do homem com o que produz e como produz acaba por produzir também sua consciência. Mas não é isso. A relação do homem com seu trabalho é, antes de tudo, uma atividade e, como atividade, é uma ação entre o homem, a natureza (via trabalho) e sua consciência, como também uma interação entre ele e os outros

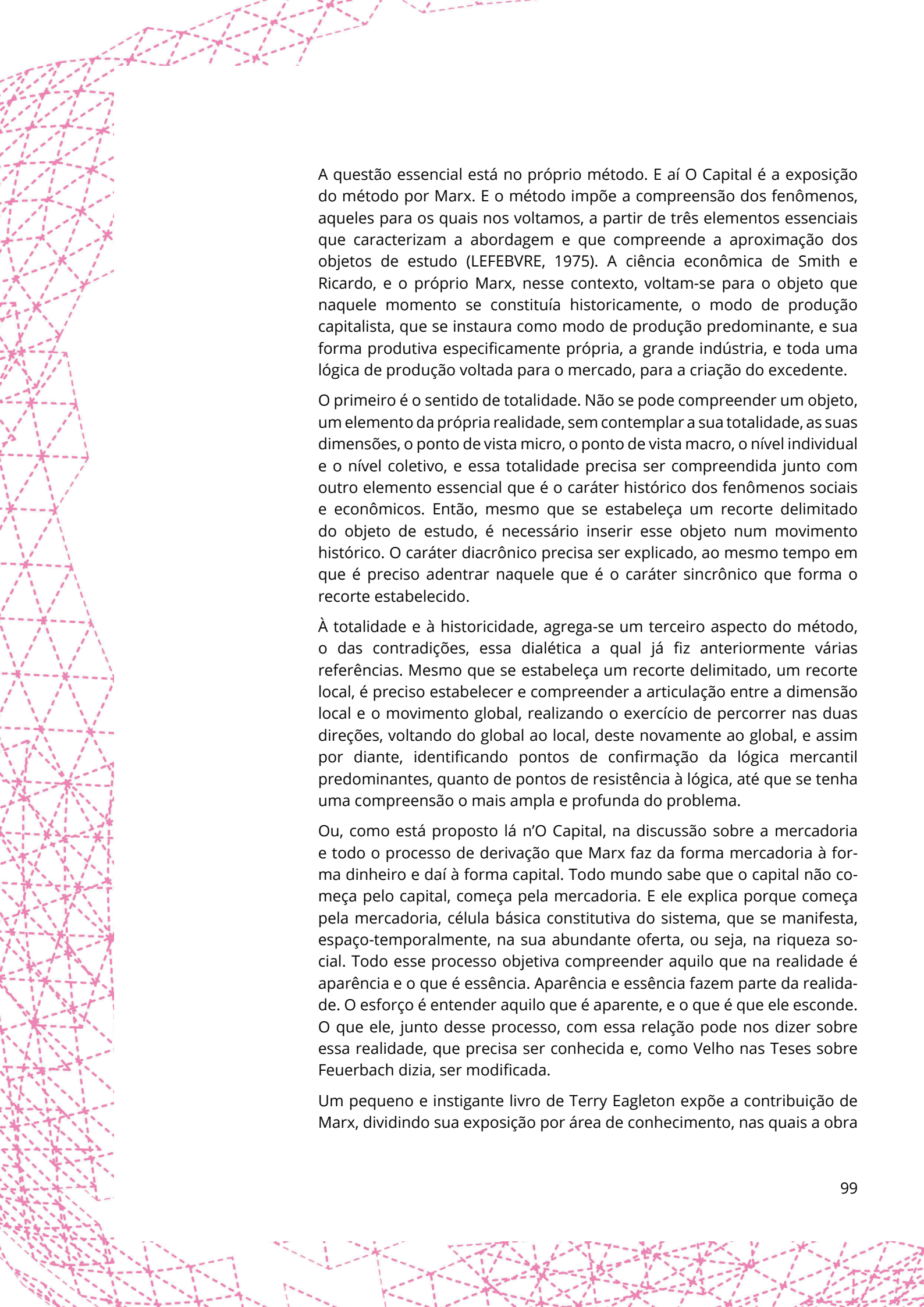


homens. É uma relação dinâmica. A vida do homem, portanto, é fundamentada nessa atividade, na práxis. E a práxis humana é quem cria e/ou transforma as condições de produção material, as circunstâncias materiais de existência, em confronto com as limitações da natureza e numa perspectiva histórico-materialista. “As circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias” (MARX, 2007, p. 62) (...).

N’O Capital, Marx, ao situar as particularidades da produção/criação humana em relação aos demais animais e ao definir o trabalho – como categoria universal – como dispêndio de *energia humana física e mental*, ato transformador do homem sobre a natureza e sobre si mesmo constituído e referenciado socialmente, oferece as pistas de um entendimento não dualista, mas sim dialético, dos processos sociais e humanos, nos mais deferentes contextos de existência humanos.

No seu tempo, Marx observara, no contexto da crítica aos ideólogos burgueses (os economistas políticos), o papel de mediação que a forma mercadoria assumia na interação entre os homens, que aparecia então como fantasmagoria face à naturalização das relações de troca, com base na divisão do trabalho. O dinheiro, cujo fetiche aparece em caráter exponencial àquele representado pela mercadoria, como equivalente geral assumirá o posto de “a” mercadoria a realizar essa mediação. Com o desenvolvimento e o avanço das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), tecnologia e dinheiro superpõem-se como esses elementos de mediação entre os sujeitos sociais (GALVAN, 2008).

A indicação desses dois elementos – o trabalho e a linguagem – mostra o tipo de perspectiva que está na obra de Marx, na própria compreensão dele do homem, da sua inserção no contexto social. Antes mesmo d’O Capital, na Contribuição à Crítica da Economia Política, Marx ao tratar do fenômeno econômico, ao se apropriar de todo aquele instrumental que a ciência recente expunha, quando ele tratava das esferas do processo econômico, da produção, da distribuição e do consumo, apontou a interface intrínseca entre esses três aspectos. Mais detidamente, ele trata das interfaces entre produção e consumo e produção e distribuição, nos seguintes termos, pois “o acto de produção é, em todos os seus momentos e ao mesmo tempo, um acto do consumo” (MARX, 1989: 218), e de que a distribuição constitui ponto de partida do processo produtivo, concluindo que “a produção tem efectivamente as suas próprias condições e premissas, que constituem os seus factores” (Idem: 225). Estabelece-se uma relação dialética, que n’O Capital se apresenta na exposição dos conceitos de valor de uso e valor, já que a mercadoria que é produzida por ter valor de uso (ou como vulgarmente se afirma, por ter mercado), só pode realizar-se como valor de uso, no consumo, após a criação de valor, a partir do trabalho.



A questão essencial está no próprio método. E aí O Capital é a exposição do método por Marx. E o método impõe a compreensão dos fenômenos, aqueles para os quais nos voltamos, a partir de três elementos essenciais que caracterizam a abordagem e que compreende a aproximação dos objetos de estudo (LEFEBVRE, 1975). A ciência econômica de Smith e Ricardo, e o próprio Marx, nesse contexto, voltam-se para o objeto que naquele momento se constituía historicamente, o modo de produção capitalista, que se instaura como modo de produção predominante, e sua forma produtiva especificamente própria, a grande indústria, e toda uma lógica de produção voltada para o mercado, para a criação do excedente.

O primeiro é o sentido de totalidade. Não se pode compreender um objeto, um elemento da própria realidade, sem contemplar a sua totalidade, as suas dimensões, o ponto de vista micro, o ponto de vista macro, o nível individual e o nível coletivo, e essa totalidade precisa ser compreendida junto com outro elemento essencial que é o caráter histórico dos fenômenos sociais e econômicos. Então, mesmo que se estabeleça um recorte delimitado do objeto de estudo, é necessário inserir esse objeto num movimento histórico. O caráter diacrônico precisa ser explicado, ao mesmo tempo em que é preciso adentrar naquele que é o caráter sincrônico que forma o recorte estabelecido.

À totalidade e à historicidade, agrega-se um terceiro aspecto do método, o das contradições, essa dialética a qual já fiz anteriormente várias referências. Mesmo que se estabeleça um recorte delimitado, um recorte local, é preciso estabelecer e compreender a articulação entre a dimensão local e o movimento global, realizando o exercício de percorrer nas duas direções, voltando do global ao local, deste novamente ao global, e assim por diante, identificando pontos de confirmação da lógica mercantil predominantes, quanto de pontos de resistência à lógica, até que se tenha uma compreensão o mais ampla e profunda do problema.

Ou, como está proposto lá n'O Capital, na discussão sobre a mercadoria e todo o processo de derivação que Marx faz da forma mercadoria à forma dinheiro e daí à forma capital. Todo mundo sabe que o capital não começa pelo capital, começa pela mercadoria. E ele explica porque começa pela mercadoria, célula básica constitutiva do sistema, que se manifesta, espaço-temporalmente, na sua abundante oferta, ou seja, na riqueza social. Todo esse processo objetiva compreender aquilo que na realidade é aparência e o que é essência. Aparência e essência fazem parte da realidade. O esforço é entender aquilo que é aparente, e o que é que ele esconde. O que ele, junto desse processo, com essa relação pode nos dizer sobre essa realidade, que precisa ser conhecida e, como Velho nas Teses sobre Feuerbach dizia, ser modificada.

Um pequeno e instigante livro de Terry Eagleton expõe a contribuição de Marx, dividindo sua exposição por área de conhecimento, nas quais a obra

5. Convergência comum de apreciação sobre os Estudos Culturais, de seu caráter interdisciplinar (GROSSBERG, 2015; ESCOSTEGUY, 1998).

6. Um relato próprio sobre a contribuição desta obra, vide Bolaño & Santos (2018).

7. Sobre a relação entre Capitalismo Monopolista e Indústria Cultural, vide Bolaño (2000).

marxiana teve e tem forte impacto. Ou seja, pode-se falar de uma contribuição de Marx na História, na Antropologia, na Sociologia, na Política, na Economia, forjada a partir de seu método, de caráter holístico e interdisciplinar. Um pensamento profícuo, exatamente por dialogar com essas tantas disciplinas, podendo assim ser colocado como ponto de partida comum para um diálogo entre EPC e Estudos Culturais⁵.

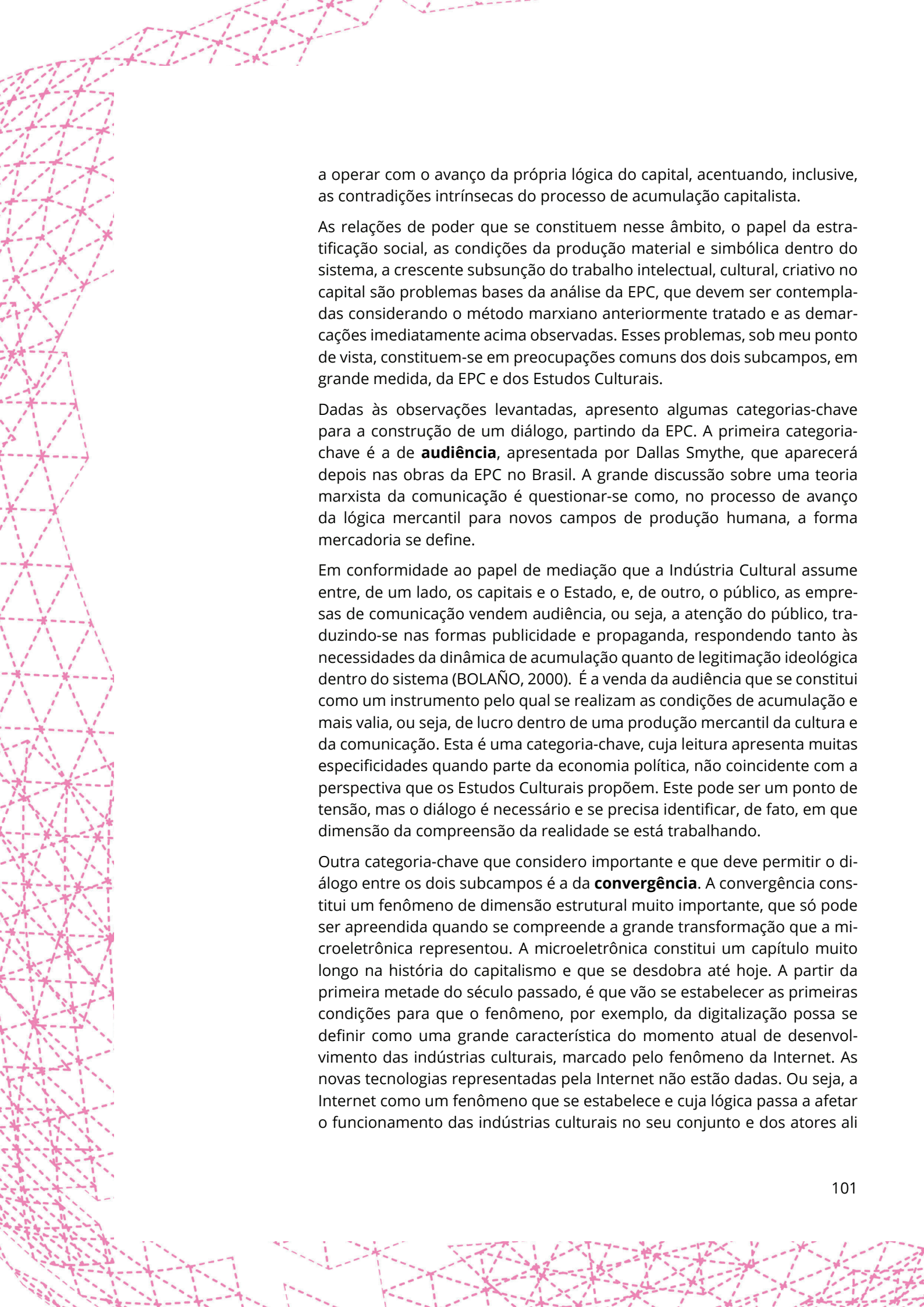
Pontos de interseção e tensão entre Estudos Culturais e EPC

Os anos de 2017 e 2018 marcaram o aniversário de 30 anos de duas importantes obras dentro da tradição latinoamericana para cada um dos subcampos da comunicação. Respectivamente, “Dos meios às mediações”, de Jesús Martín-Barbero, e “Mercado Brasileiro da Televisão”⁶, de César Bolaño, circunscrita esta última obra em particular à constituição do subcampo da EPC no Brasil. A contribuição da produção latino-americana para a análise dos fenômenos comunicacionais e da cultura, a partir daí, pontua trajetórias próprias, e que irão encontrar um ponto de interseção em preocupações atuais presentes no interior da EPC.

A contribuição da EPC provém, antes de tudo, da capacidade em incorporar tradições teóricas e de estudo que vem do marxismo, e neste contexto em específico do próprio Marx, e de heterodoxias diversas no espectro do pensamento econômico e das ciências sociais e humanas em geral. Suas preocupações centrais, considerando o processo histórico no interior do Capitalismo que gestou a Indústria Cultural, voltam-se ao “rol de los medios en el proceso de acumulación de capital – el problema de las clases sociales, los medios e la legitimación de la estratificación social; la relación entre producción material y producción intelectual” (HERSCOVICI; BOLAÑO & MASTRINI, 1999: 10).

O conceito de Indústria Cultural, como já observei, aparece como central nas análises da EPC, pois ele define esse processo de expansão da lógica mercantil sobre a cultura, face uma nova reconfiguração do capital, a do Capitalismo Monopolista⁷. Aqui, vale a distinção proposta explicitamente por Brittos & Miguel (2008) entre os termos no singular e no plural, estabelecendo a demarcação de duas importantes dimensões do processo. O conceito no singular – Indústria Cultural – refere-se à expansão da lógica do capital para os setores de produção cultural e da comunicação, que invade o conjunto de suas atividades; o termo no plural – indústrias culturais – é concernente às dinâmicas específicas de cada setor, onde o grau de difusão das tecnologias e de subsunção do trabalho pode se diferenciar, tanto quanto o tipo concorrencial presente em cada mercado e a capacidade de resistência dos sujeitos sociais aí atuantes.

A distinção entre esses dois níveis da análise – macro e micro – incorpora, assim, as articulações, relações e contradições que são produzidas na medida em que novas dinâmicas tecnológicas, produtivas e sociais passam



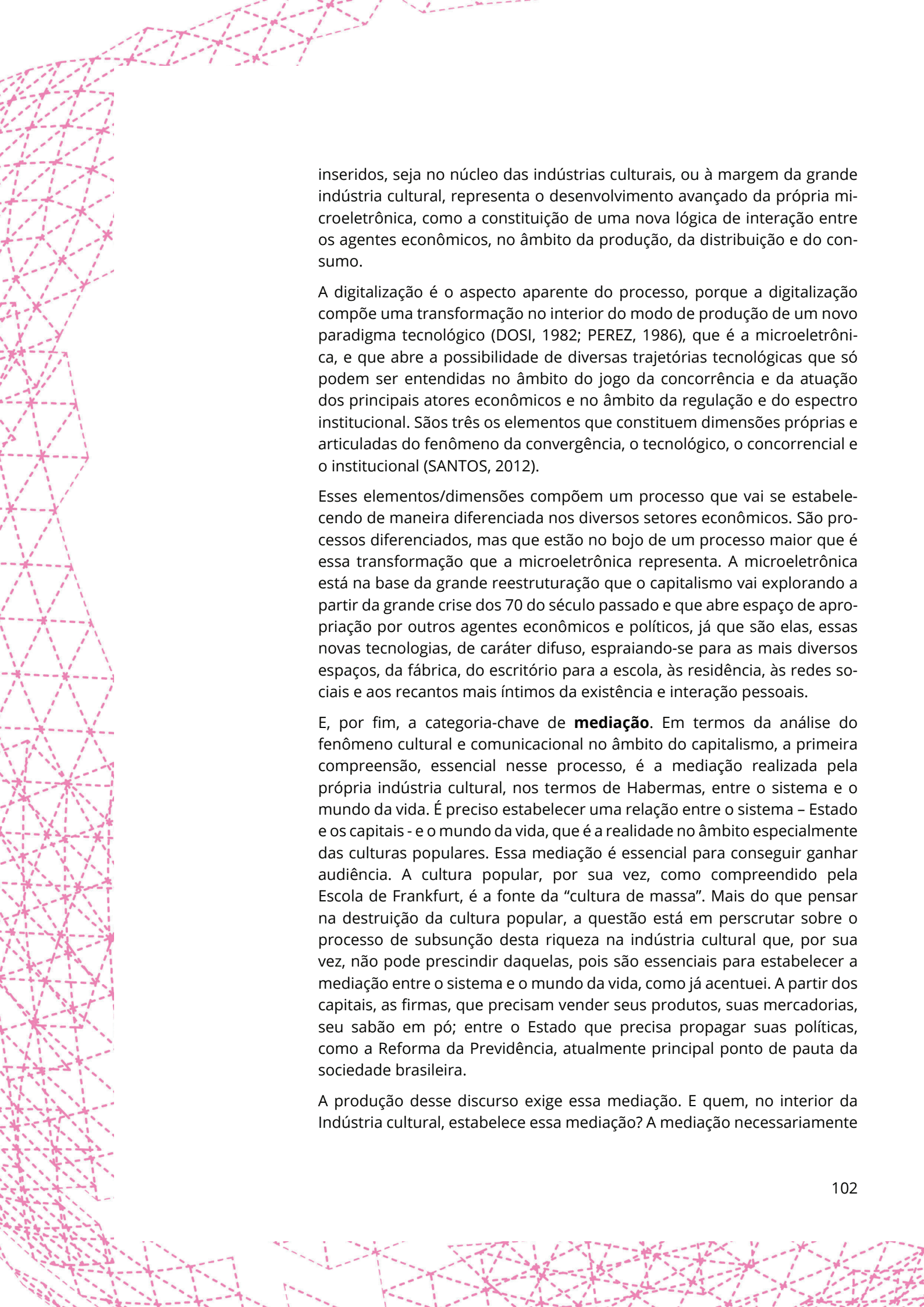
a operar com o avanço da própria lógica do capital, acentuando, inclusive, as contradições intrínsecas do processo de acumulação capitalista.

As relações de poder que se constituem nesse âmbito, o papel da estratificação social, as condições da produção material e simbólica dentro do sistema, a crescente subsunção do trabalho intelectual, cultural, criativo no capital são problemas bases da análise da EPC, que devem ser contempladas considerando o método marxiano anteriormente tratado e as demarcações imediatamente acima observadas. Esses problemas, sob meu ponto de vista, constituem-se em preocupações comuns dos dois subcampos, em grande medida, da EPC e dos Estudos Culturais.

Dadas às observações levantadas, apresento algumas categorias-chave para a construção de um diálogo, partindo da EPC. A primeira categoria-chave é a de **audiência**, apresentada por Dallas Smythe, que aparecerá depois nas obras da EPC no Brasil. A grande discussão sobre uma teoria marxista da comunicação é questionar-se como, no processo de avanço da lógica mercantil para novos campos de produção humana, a forma mercadoria se define.

Em conformidade ao papel de mediação que a Indústria Cultural assume entre, de um lado, os capitais e o Estado, e, de outro, o público, as empresas de comunicação vendem audiência, ou seja, a atenção do público, traduzindo-se nas formas publicidade e propaganda, respondendo tanto às necessidades da dinâmica de acumulação quanto de legitimação ideológica dentro do sistema (BOLAÑO, 2000). É a venda da audiência que se constitui como um instrumento pelo qual se realizam as condições de acumulação e mais valia, ou seja, de lucro dentro de uma produção mercantil da cultura e da comunicação. Esta é uma categoria-chave, cuja leitura apresenta muitas especificidades quando parte da economia política, não coincidente com a perspectiva que os Estudos Culturais propõem. Este pode ser um ponto de tensão, mas o diálogo é necessário e se precisa identificar, de fato, em que dimensão da compreensão da realidade se está trabalhando.

Outra categoria-chave que considero importante e que deve permitir o diálogo entre os dois subcampos é a da **convergência**. A convergência constitui um fenômeno de dimensão estrutural muito importante, que só pode ser apreendida quando se compreende a grande transformação que a microeletrônica representou. A microeletrônica constitui um capítulo muito longo na história do capitalismo e que se desdobra até hoje. A partir da primeira metade do século passado, é que vão se estabelecer as primeiras condições para que o fenômeno, por exemplo, da digitalização possa se definir como uma grande característica do momento atual de desenvolvimento das indústrias culturais, marcado pelo fenômeno da Internet. As novas tecnologias representadas pela Internet não estão dadas. Ou seja, a Internet como um fenômeno que se estabelece e cuja lógica passa a afetar o funcionamento das indústrias culturais no seu conjunto e dos atores ali



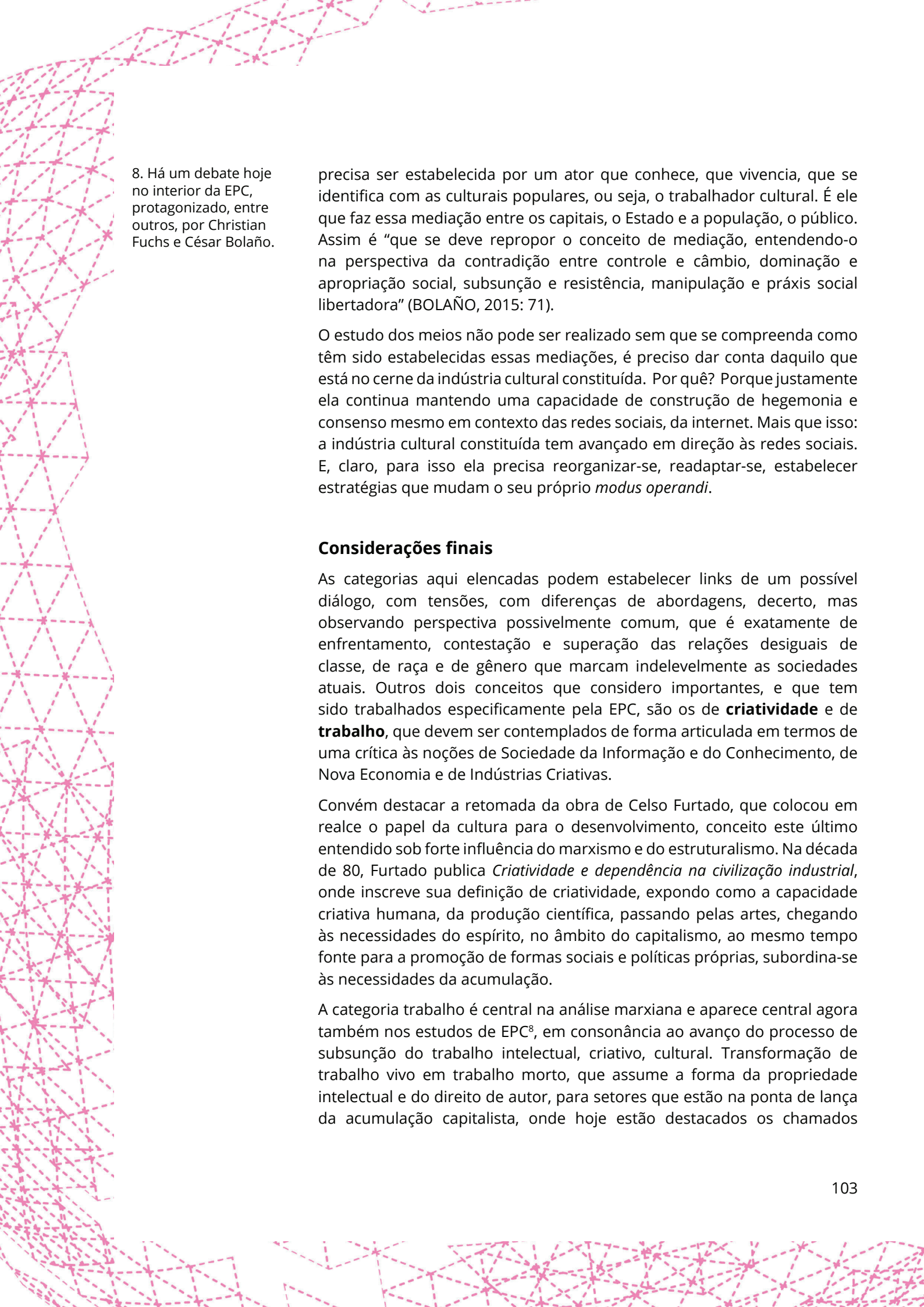
inseridos, seja no núcleo das indústrias culturais, ou à margem da grande indústria cultural, representa o desenvolvimento avançado da própria microeletrônica, como a constituição de uma nova lógica de interação entre os agentes econômicos, no âmbito da produção, da distribuição e do consumo.

A digitalização é o aspecto aparente do processo, porque a digitalização compõe uma transformação no interior do modo de produção de um novo paradigma tecnológico (DOSI, 1982; PEREZ, 1986), que é a microeletrônica, e que abre a possibilidade de diversas trajetórias tecnológicas que só podem ser entendidas no âmbito do jogo da concorrência e da atuação dos principais atores econômicos e no âmbito da regulação e do espectro institucional. São três os elementos que constituem dimensões próprias e articuladas do fenômeno da convergência, o tecnológico, o concorrencial e o institucional (SANTOS, 2012).

Esses elementos/dimensões compõem um processo que vai se estabelecendo de maneira diferenciada nos diversos setores econômicos. São processos diferenciados, mas que estão no bojo de um processo maior que é essa transformação que a microeletrônica representa. A microeletrônica está na base da grande reestruturação que o capitalismo vai explorando a partir da grande crise dos 70 do século passado e que abre espaço de apropriação por outros agentes econômicos e políticos, já que são elas, essas novas tecnologias, de caráter difuso, espalhando-se para as mais diversos espaços, da fábrica, do escritório para a escola, às residências, às redes sociais e aos recantos mais íntimos da existência e interação pessoais.

E, por fim, a categoria-chave de **mediação**. Em termos da análise do fenômeno cultural e comunicacional no âmbito do capitalismo, a primeira compreensão, essencial nesse processo, é a mediação realizada pela própria indústria cultural, nos termos de Habermas, entre o sistema e o mundo da vida. É preciso estabelecer uma relação entre o sistema - Estado e os capitais - e o mundo da vida, que é a realidade no âmbito especialmente das culturas populares. Essa mediação é essencial para conseguir ganhar audiência. A cultura popular, por sua vez, como compreendida pela Escola de Frankfurt, é a fonte da "cultura de massa". Mais do que pensar na destruição da cultura popular, a questão está em perscrutar sobre o processo de subsunção desta riqueza na indústria cultural que, por sua vez, não pode prescindir daquelas, pois são essenciais para estabelecer a mediação entre o sistema e o mundo da vida, como já acentuei. A partir dos capitais, as firmas, que precisam vender seus produtos, suas mercadorias, seu sabão em pó; entre o Estado que precisa propagar suas políticas, como a Reforma da Previdência, atualmente principal ponto de pauta da sociedade brasileira.

A produção desse discurso exige essa mediação. E quem, no interior da Indústria cultural, estabelece essa mediação? A mediação necessariamente



8. Há um debate hoje no interior da EPC, protagonizado, entre outros, por Christian Fuchs e César Bolaño.

precisa ser estabelecida por um ator que conhece, que vivencia, que se identifica com as culturais populares, ou seja, o trabalhador cultural. É ele que faz essa mediação entre os capitais, o Estado e a população, o público. Assim é “que se deve repropor o conceito de mediação, entendendo-o na perspectiva da contradição entre controle e câmbio, dominação e apropriação social, subsunção e resistência, manipulação e práxis social libertadora” (BOLAÑO, 2015: 71).

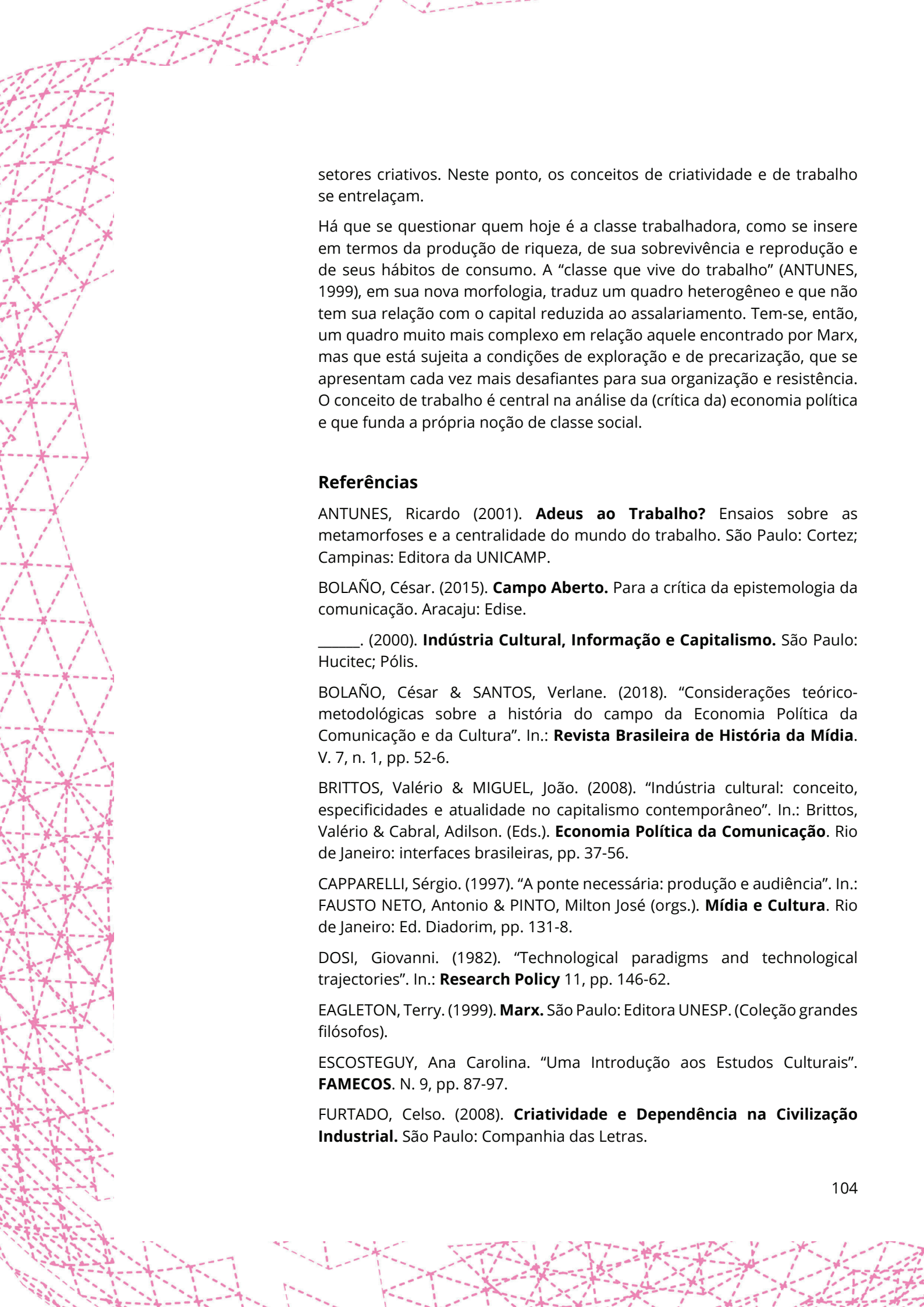
O estudo dos meios não pode ser realizado sem que se compreenda como têm sido estabelecidas essas mediações, é preciso dar conta daquilo que está no cerne da indústria cultural constituída. Por quê? Porque justamente ela continua mantendo uma capacidade de construção de hegemonia e consenso mesmo em contexto das redes sociais, da internet. Mais que isso: a indústria cultural constituída tem avançado em direção às redes sociais. E, claro, para isso ela precisa reorganizar-se, readaptar-se, estabelecer estratégias que mudam o seu próprio *modus operandi*.

Considerações finais

As categorias aqui elencadas podem estabelecer links de um possível diálogo, com tensões, com diferenças de abordagens, decerto, mas observando perspectiva possivelmente comum, que é exatamente de enfrentamento, contestação e superação das relações desiguais de classe, de raça e de gênero que marcam indelevelmente as sociedades atuais. Outros dois conceitos que considero importantes, e que tem sido trabalhados especificamente pela EPC, são os de **criatividade** e de **trabalho**, que devem ser contemplados de forma articulada em termos de uma crítica às noções de Sociedade da Informação e do Conhecimento, de Nova Economia e de Indústrias Criativas.

Convém destacar a retomada da obra de Celso Furtado, que colocou em realce o papel da cultura para o desenvolvimento, conceito este último entendido sob forte influência do marxismo e do estruturalismo. Na década de 80, Furtado publica *Criatividade e dependência na civilização industrial*, onde inscreve sua definição de criatividade, expondo como a capacidade criativa humana, da produção científica, passando pelas artes, chegando às necessidades do espírito, no âmbito do capitalismo, ao mesmo tempo fonte para a promoção de formas sociais e políticas próprias, subordina-se às necessidades da acumulação.

A categoria trabalho é central na análise marxiana e aparece central agora também nos estudos de EPC⁸, em consonância ao avanço do processo de subsunção do trabalho intelectual, criativo, cultural. Transformação de trabalho vivo em trabalho morto, que assume a forma da propriedade intelectual e do direito de autor, para setores que estão na ponta de lança da acumulação capitalista, onde hoje estão destacados os chamados



setores criativos. Neste ponto, os conceitos de criatividade e de trabalho se entrelaçam.

Há que se questionar quem hoje é a classe trabalhadora, como se insere em termos da produção de riqueza, de sua sobrevivência e reprodução e de seus hábitos de consumo. A “classe que vive do trabalho” (ANTUNES, 1999), em sua nova morfologia, traduz um quadro heterogêneo e que não tem sua relação com o capital reduzida ao assalariamento. Tem-se, então, um quadro muito mais complexo em relação aquele encontrado por Marx, mas que está sujeita a condições de exploração e de precarização, que se apresentam cada vez mais desafiantes para sua organização e resistência. O conceito de trabalho é central na análise da (crítica da) economia política e que funda a própria noção de classe social.

Referências

ANTUNES, Ricardo (2001). **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP.

BOLAÑO, César. (2015). **Campo Aberto**. Para a crítica da epistemologia da comunicação. Aracaju: Edise.

_____. (2000). **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo: Hucitec; Pólis.

BOLAÑO, César & SANTOS, Verlane. (2018). “Considerações teórico-metodológicas sobre a história do campo da Economia Política da Comunicação e da Cultura”. In.: **Revista Brasileira de História da Mídia**. V. 7, n. 1, pp. 52-6.

BRITTOS, Valério & MIGUEL, João. (2008). “Indústria cultural: conceito, especificidades e atualidade no capitalismo contemporâneo”. In.: Brittos, Valério & Cabral, Adilson. (Eds.). **Economia Política da Comunicação**. Rio de Janeiro: interfaces brasileiras, pp. 37-56.

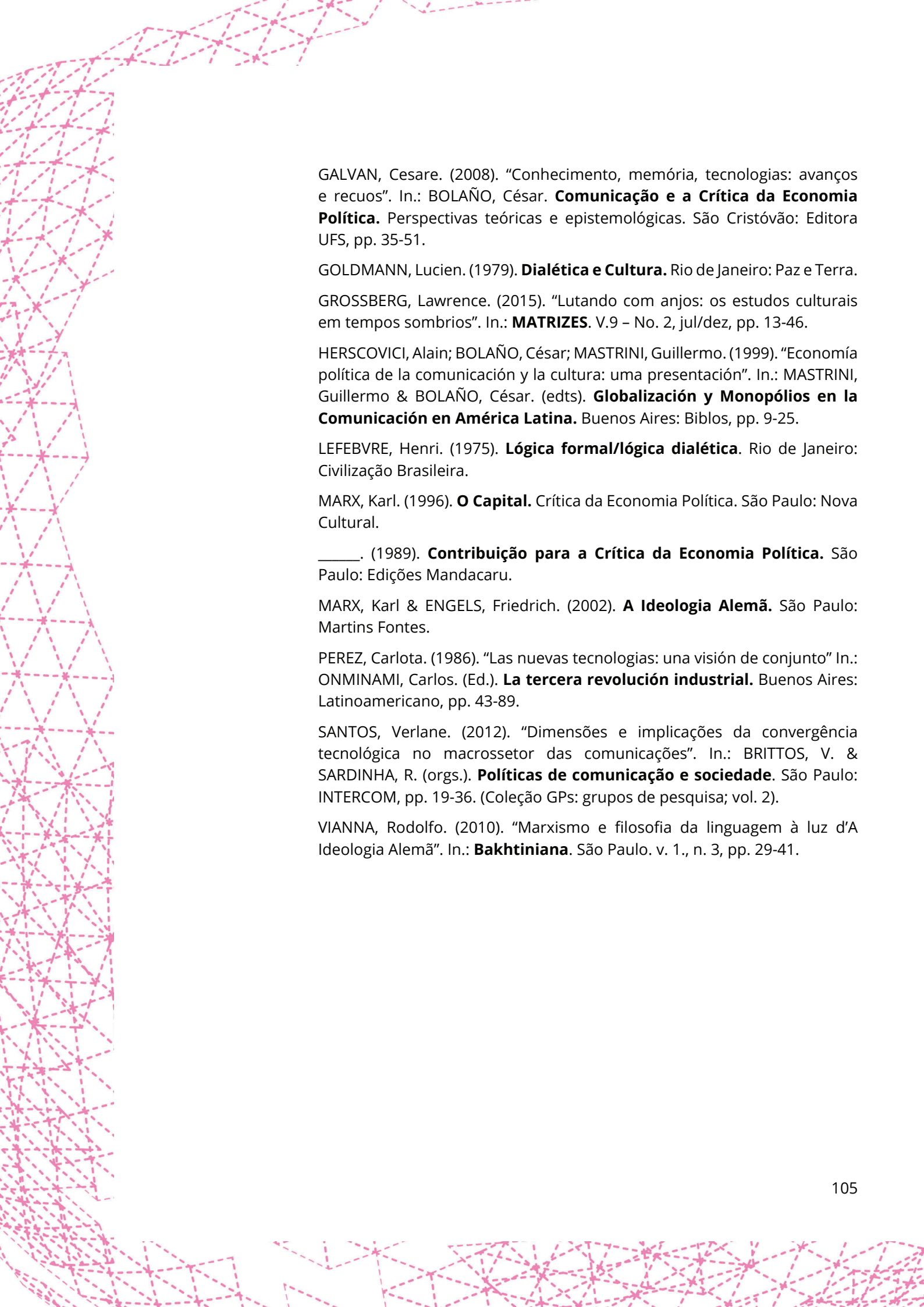
CAPPARELLI, Sérgio. (1997). “A ponte necessária: produção e audiência”. In.: FAUSTO NETO, Antonio & PINTO, Milton José (orgs.). **Mídia e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, pp. 131-8.

DOSI, Giovanni. (1982). “Technological paradigms and technological trajectories”. In.: **Research Policy** 11, pp. 146-62.

EAGLETON, Terry. (1999). **Marx**. São Paulo: Editora UNESP. (Coleção grandes filósofos).

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Uma Introdução aos Estudos Culturais”. **FAMECOS**. N. 9, pp. 87-97.

FURTADO, Celso. (2008). **Criatividade e Dependência na Civilização Industrial**. São Paulo: Companhia das Letras.



GALVAN, Cesare. (2008). "Conhecimento, memória, tecnologias: avanços e recuos". In.: BOLAÑO, César. **Comunicação e a Crítica da Economia Política**. Perspectivas teóricas e epistemológicas. São Cristóvão: Editora UFS, pp. 35-51.

GOLDMANN, Lucien. (1979). **Dialética e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GROSSBERG, Lawrence. (2015). "Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios". In.: **MATRIZES**. V.9 – No. 2, jul/dez, pp. 13-46.

HERSCOVICI, Alain; BOLAÑO, César; MASTRINI, Guillermo. (1999). "Economía política de la comunicación y la cultura: una presentación". In.: MASTRINI, Guillermo & BOLAÑO, César. (edts). **Globalización y Monopólios en la Comunicación en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, pp. 9-25.

LEFEBVRE, Henri. (1975). **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARX, Karl. (1996). **O Capital**. Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural.

_____. (1989). **Contribuição para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Edições Mandacaru.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (2002). **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes.

PEREZ, Carlota. (1986). "Las nuevas tecnologías: una visión de conjunto" In.: ONMINAMI, Carlos. (Ed.). **La tercera revolución industrial**. Buenos Aires: Latinoamericano, pp. 43-89.

SANTOS, Verlane. (2012). "Dimensões e implicações da convergência tecnológica no macrossetor das comunicações". In.: BRITTOS, V. & SARDINHA, R. (orgs.). **Políticas de comunicação e sociedade**. São Paulo: INTERCOM, pp. 19-36. (Coleção GPs: grupos de pesquisa; vol. 2).

VIANNA, Rodolfo. (2010). "Marxismo e filosofia da linguagem à luz d'A Ideologia Alemã". In.: **Bakhtiniana**. São Paulo. v. 1., n. 3, pp. 29-41.